



Os Brasileiros na Europa¹: notas introdutórias

Duval Magalhães Fernandes*
José Irineu Rangel Rigotti*

Antecedentes

A experiência histórica do Brasil em relação à migração internacional tem como característica principal a de um país de imigração. Como parte do processo de colonização, desde a descoberta do país levas de imigrantes aportaram na costa brasileira e contribuíram para a sua formação. No primeiro momento, a migração vinha atender aos interesses da corte de Portugal e garantir a ocupação do território. Após este período, foi o fluxo de escravos que formou o mais numeroso conjunto de imigrantes. Mais tarde, por volta do século XIX e até o primeiro quarto do século XX nova leva de migrantes tomou a direção do Brasil. Vieram para atender à demanda crescente por mão de obra na agricultura e também como trabalhadores para a incipiente indústria. Neste contexto, aportaram no Brasil mais de 800.000 imigrantes italianos e até meados do século XX mais de 200.000 japoneses. Além destes, outros países também contribuíram com imigrantes. Estima-se que do último quartel do século XIX até o final da década de trinta do século XX, o Brasil tenha recebido cerca de 4,4 milhões de pessoas, provenientes, sobretudo, de Portugal, Itália, Espanha, Japão e Alemanha (LEVY, 1974).

Esta migração, assim como em outros países da América Latina, foi possível graças à intervenção governamental que, para atender aos interesses ligados à agricultura, principalmente a cafeeira, criou mecanismos que facilitaram a vinda de imigrantes europeus. A expansão da economia cafeeira contribuiu, nas duas primeiras décadas do século XX, para o início da

¹ Texto apresentado no Seminário "Brasileiros no Mundo", realizado em 17 e 18 de julho de 2008, no Palácio do Itamarati, Rio de Janeiro.

* Professores do Programa de Pós-graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial da PUC Minas.

industrialização do país, cuja expansão ampliou o campo de trabalho dos imigrantes.

A partir da segunda guerra, o fluxo de imigrantes para o país diminuiu, chegando, nos anos 70, a apresentar uma população praticamente fechada à migração internacional. No início da década de 1980, outro processo teve início e o Brasil experimentou, pela primeira vez, fluxos migratórios negativos, passando, assim, de um país de imigração para um país de emigração.

As estimativas sobre o volume deste novo fluxo são difíceis de se obter, uma vez que não há informações de qualidade sobre a saída de brasileiros e mesmo sobre a sua chegada nas localidades de destino. Baseando-se em dados do Censo Demográfico de 1991, Carvalho (1996) estimou, utilizando técnicas demográficas indiretas, o saldo migratório do país na década de 1980, para a população maior de 10 anos. O resultado indicou um saldo negativo próximo de 1,8 milhões pessoas. Considerando a segunda metade da década, este fluxo negativo, desta feita para as pessoas maiores de 5 anos, era estimado em pouco mais de 973 mil (Carvalho et al, 2001).

Em termos de distribuição geográfica, mais da metade deste fluxo teve origem nos estados do Sudeste e representavam quase 510 mil pessoas, em sua maioria do sexo masculino. Para períodos mais recentes, Rios-Netos (2007), citando trabalho de Carvalho e Campos (2006), informa que o saldo negativo nos anos 1990 foi da ordem de 550 mil, para a população de 10 anos e mais de idade, prevalecendo, ainda, pessoas do sexo masculino. Esta redução, considerando as duas décadas, indicaria uma diminuição da saída de brasileiros, uma vez que o volume de entradas não apresentou significativos aumentos. É importante lembrar que esta tendência pode não se repetir para o primeiro decênio do novo século, onde a situação econômica, tanto no Brasil como em outras partes do mundo, passou por significativas modificações. De qualquer forma, pode-se dizer que o estoque de brasileiros no exterior continua aumentando.

Os autores agradecem a colaboração da doutoranda Carolina Nunan pelo auxílio no levantamento de informações.

Outras fontes de informação podem também contribuir para estimativas do número de brasileiros morando no exterior. Dados do Ministério das Relações Exteriores, levantados junto aos consulados brasileiros, indicam que, em 1997, 1,5 milhão de brasileiros viviam fora do país e que, em 2002, este número havia aumentado para 2,0 milhões de pessoas. (Amaral, 2005). Outras fontes indicam que este contingente já teria chegado à casa de 4,0 milhões (Cabral, 2006, p.94). Segundo os últimos registros do Itamaraty, o maior número de imigrantes brasileiros está nos Estados Unidos (1.245.759), seguido pelo Paraguai (408.571); Japão (329.519) e no conjunto dos países europeus (936.400). Salvo no caso do Japão, onde há simetria entre os números dos consulados brasileiros e os levantados pelos organismos oficiais locais, nos outros países os dados oficiais não revelam a real extensão da imigração de brasileiros, indicando que esta imigração é majoritariamente de não documentados.

Por exemplo, Goza (2004) encontrou, no Censo Americano de 2000, que o número de brasileiros vivendo nos Estados Unidos corresponde, nas estatísticas oficiais, a aproximadamente 30% (247.020) do volume registrado nos consulados brasileiros naquele país. Na Europa, fontes do Governo espanhol estimavam, para 2004, que o volume de imigrantes brasileiros naquele país é da ordem de 53.000 pessoas. Este dado colocaria naquele ano a Espanha como o segundo destino mais procurado por brasileiros na Europa, depois de Portugal. (GCIM-2005).

Se por um lado estimar o número de emigrantes brasileiros no exterior não é tarefa fácil, por outro, as motivações que levam as pessoas a migrar têm suscitado muito debate e também não se pode dizer que haja consenso.

Apesar da precariedade das informações sobre os emigrantes brasileiros, estudos pontuais nos locais de destino permitem levantar algumas características deste fluxo. Em trabalho sobre os brasileiros que vivem no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, Martes (2004) comparou, em dois momentos - 1996 e 2004 - a evolução de algumas características destes imigrantes. Quanto à idade, nos dois períodos, a maioria dos brasileiros que moram neste estado tinha menos de 35 anos de idade. Em relação ao nível de

escolaridade, entre 1996 e 2004, houve crescimento do número de pessoas com maior grau de escolaridade, isto é, 3º grau completo. Segundo a autora, esta é uma clara indicação de que os imigrantes brasileiros são super-qualificados para as ocupações que conseguem exercer nos Estados Unidos.

As razões da emigração estavam ligadas a problemas financeiros e busca de melhores salários. Em 1996, 18% dos imigrantes pesquisados colocaram estas questões como o motivo mais importante para sair do país. Em 2004, estas razões foram alegadas por 60% dos entrevistados. A acumulação de renda para aquisição de bens no Brasil era o objetivo explícito da emigração para 13% dos entrevistados nos dois momentos estudados. A possibilidade de retorno ao Brasil estava presente para a maioria, haja vista que mais de 80% dos entrevistados, tanto em 1996 como em 2004 pensavam em voltar ao país. No entanto, um grande número não sabia precisar o momento em que faria o caminho de volta. Segundo a autora “este retorno está condicionado às conquistas dos objetivos econômicos, ao alcance de um status legal que lhes garanta a possibilidade de ir e voltar para os Estados Unidos” (Martes, 2004, p.10). Desta forma, este momento de partida estaria condicionado à conjuntura local e também às expectativas em relação às oportunidades no Brasil.

Este último aspecto sugere a inadequação de se tratar um tema complexo como as migrações internacionais segundo um único ponto de vista, ainda mais quando se leva em conta a diversidade de situações, tanto nos locais de origem quanto de destino, além da natureza conjuntural de aspectos como oferta e demanda por mão de obra, taxas de desemprego e de câmbio, etc. Daí a importância de se mencionar, ainda que resumidamente, algumas contribuições teóricas atuais que, certamente, auxiliarão a interpretação da inserção do Brasil no cenário contemporâneo das migrações internacionais.

Alguns aspectos teóricos sobre as migrações internacionais

Sob o ponto de vista teórico, mesmo neste início do século XXI ainda não foi possível estabelecer uma teoria geral para a migração. Segundo Zlotnik (2003), considerando as múltiplas facetas da migração, várias disciplinas, ou áreas do conhecimento, vêm aportando contribuições que buscam explicar a

natureza, o desenvolvimento e a gênese de casos singulares de migração. Apesar de ainda não ser possível contar, no campo teórico, com uma visão geral e única, há a possibilidade de se definir algumas linhas de contribuições que buscam explicar a migração quer seja ela interna a um país ou internacional.

Segundo Arango (2003) a teoria da migração internacional, entendida como tal, só começa a tomar corpo na segunda metade do século XX. Antes desta época, vários foram os esforços para a construção de uma teoria, sendo o mais conhecido deles a obra de Ravestein (1885,1889). No entanto, as contribuições da economia ao campo da migração remontam ainda à época de Adam Smith, quando se via, como causa da migração de trabalhadores, as diferenças entre a demanda e a oferta de trabalho nas regiões em estudo.

Esta visão indica que, no âmbito da economia, a migração internacional é, na realidade, um mecanismo para a redistribuição dos trabalhadores, ou seja, da população em idade ativa. As visões modernas desta teoria, também conhecidas como macroteoria neoclássica e microteoria neoclássica, buscam a explicação para a migração internacional na relação entre trabalho e capital. No plano macro, este aporte trata da redistribuição de fatores de produção em respostas às modificações dos seus preços relativos. A migração internacional seria o resultado das desigualdades na distribuição espacial do capital e do trabalho. Países com escassa mão de obra tenderiam a oferecer salários mais elevados, enquanto países com abundância de mão de obra teriam tendência a menores salários. Como maiores salários seriam grandes atrativos para a população residente na região de baixos salários, o movimento natural seria a migração dos residentes deste último para o primeiro. Com isto, a oferta de mão de obra se ampliaria no primeiro país, levando a uma redução dos salários e ao equilíbrio entre as duas regiões. Neste sentido, a migração funcionaria como um fator para a melhor redistribuição geográfica dos recursos, no caso a mão de obra.

No aspecto micro, segundo Castles e Miller (2003), o conceito central da teoria neoclássica é o de “capital humano”, que poderia ser descrito como a decisão pessoal em investir na migração, da mesma forma que se decide

investir em educação ou outra atividade de aperfeiçoamento, pois isto contribuiria para ampliar a capacitação do migrante e trazer ganhos futuros. A decisão de emigrar considera as possibilidades de ganhos futuros na região de destino e leva em conta os custos, efetivo e não mensuráveis, deste deslocamento. Se o ganho for maior que as “despesas” há espaço para a migração, caso contrário não se migra. Em resumo, a migração seria um ato voluntário, individual e espontâneo, resultante de uma avaliação do custo-benefício de se fazer o deslocamento.

Segundo Soares (2002) não há antagonismo entre a macro e microteoria neoclássicas, no entanto é importante lembrar que ambas têm limites, uma vez que não consideram questões ligadas às políticas nacionais e à economia internacional. Além disso, as hipóteses de partida não são realistas e os efeitos reais da migração de trabalho diferem sensivelmente dos preditos nestas teorias (Zlotinik, 2003).

Algumas constatações empíricas contribuem para mostrar os limites desta teoria. Por exemplo, há casos em que não são os mais pobres que migram e sim os mais qualificados que têm uma propensão maior a emigrar e, dependendo da situação, contribuem para ampliar as desigualdades entre o país de destino e o de origem. Além disso, muitas vezes os países fornecedores de mão de obra possuem salários bem superiores àqueles dos países mais pobres. Afinal, a migração internacional é um empreendimento custoso e os migrantes, geralmente, partem de regiões que estão experimentando crescente integração com a economia internacional (McGovern, 2007).

O reconhecimento dos limites das teorias neoclássicas levou a novas proposições sobre a relação economia e migração, que ficaram mais conhecidas como nova economia da migração. Este segmento também confere importante papel ao nível micro, mas neste caso as decisões não seriam só individuais, mas também norteadas pelo coletivo, notadamente no nível da família ou do domicílio. As contribuições desta proposta teórica têm grande importância para a explicação da relação entre desenvolvimento econômico e migração, uma vez que há o entendimento de que o processo migratório ultrapassa a simples relação da diferença salarial, incorporando às análises as imperfeições do

mercado e a ação governamental. No entanto, as comprovações empíricas repousam sobre trabalhos direcionados para áreas onde circunstâncias especiais levam à migração, como estudos que têm em conta povoados mexicanos com longa tradição de migração para os USA (Arango, 2003). Em resumo, o foco de análise desta teoria é a região de origem, onde as causas e conseqüências da emigração são analisadas.

Em contraposição à visão da escolha racional, hipótese subjacente tanto nas teorias neoclássicas como na nova economia da migração, a teoria do mercado dual do trabalho (Piorre, 1979) postula que a migração internacional, de trabalhadores de um país em desenvolvimento para um país desenvolvido, resulta de uma demanda permanente de trabalhadores inerente à estrutura econômica do país desenvolvido. Neste país existiriam trabalhos de baixa qualificação e não estáveis, que surgem pela convivência de um setor econômico com intensivo uso de capital e outro com intensivo uso de trabalho e baixa produtividade, o que faz surgir um mercado segmentado. Por conta das características do trabalho deste último segmento – baixa remuneração, menor importância social – os trabalhadores nativos não estão propensos a desempenhá-lo. Uma ampliação dos salários destes postos de trabalho não iria contribuir para solucionar o problema e sim gerar insatisfações, podendo comprometer a hierarquia salarial. Estes fatores iriam gerar uma demanda por trabalhadores imigrantes e, com isto, os fluxos migratórios.

Apesar de avançar na tentativa de teorização, esta proposta ainda não consegue ter um poder explicativo amplo. Em primeiro lugar, não se pode considerar que a demanda nas sociedades receptoras sejam as únicas forças que levam à migração. Há de considerar o efeito de *expulsão* existente nas sociedades de origem. Outro aspecto a ser considerado é que, na atualidade, a participação do recrutamento de trabalhadores é reduzido no quadro das migrações internacionais. Pode-se argumentar, como o faz Arango (2003), que, em alguns casos, a oferta de mão de obra dos imigrantes gera a sua própria demanda, como por exemplo, a criação de postos de trabalhos ligados ao atendimento das demandas dos imigrantes residentes.

Ao lado desta visão econômica, vale menção especial a abordagem que trata das redes migratórias ou redes sociais (Soares, 2002; Rezende, 2005). As redes migratórias podem ser definidas como o conjunto de relações interpessoais que vinculam imigrantes, emigrantes retornados ou candidatos à migração com parentes, amigos ou compatriotas, quer seja no país de destino quer seja no país de origem. Estas redes proporcionam informações, indicações de emprego, moradia e uma série de apoios de natureza diversa. Elas podem ser vistas como um capital social que irá permitir o acesso a empregos com melhor remuneração e outros bens de valor econômico. Apesar de não poder ser considerada como uma teoria completa, esta abordagem permite explicar várias situações que surgiram com o desenvolvimento recente do processo migratório. Muitos dos deslocamentos realizados na atualidade têm a sua razão na existência de redes sociais e fatores como a reunificação familiar, que está na ordem do dia de muitos países de destino. Por se situar entre a visão micro e macro ela contribui para o preenchimento de um vácuo teórico, mas ainda necessita de ampliar seu foco de análise.

Segundo Zlotnik (2003), apesar dos grandes progressos para a compreensão dos mecanismos que conduzem ao nascimento da migração, do desenvolvimento dos fluxos migratórios e da identificação das suas inter-relações, ainda falta uma abordagem holística que possa incorporar não só os principais atores (país de origem, país de destino e migrante), mas também uma série de situações intermediárias e a interação destes atores no próprio processo da migração e na formação do fluxo migratório.

Portanto, reconhecendo as limitações decorrentes da escassez de informações fidedignas sobre o número de brasileiros residentes no exterior e também a dificuldade de se trabalhar com um arcabouço teórico sobre migrações internacionais, a próxima seção levanta algumas questões relevantes para o entendimento das migrações brasileiras para a Europa.

Migrações para a Europa

A partir da segunda metade do século passado, parte da Europa passou a ser destino de imigrantes que para lá afluíram de várias partes do mundo. No

início deste processo, os imigrantes vinham de um número reduzido de países, alguns da própria Europa, como portugueses e espanhóis para os países do norte, além de magrebianos do norte da África para as antigas metrópoles e, em casos específicos como programas para trabalhadores convidados, turcos para a Alemanha. Em período mais recente, a diversidade de países de origem aumentou assim como o número de imigrantes em valor absoluto. Neste processo, países como Espanha, Portugal, Itália e Grécia, que antes eram conhecidos como “exportadores” de mão de obra, passam a ser grandes “importadores” de mão de obra ao final do século passado e nos primeiros anos do novo milênio. Estes países são conhecidos como os “*late comer*” no quadro da migração internacional europeia, em contraponto a países como França, Alemanha, Inglaterra e outros do norte da Europa que têm uma tradição mais antiga como países de destino para migrantes.

Se houve evolução na composição dos países de destino, há também, em grau mais importante, nos países de origem. O novo mapa da migração europeia tem seus contornos delineados, por duas correntes: pelos imigrantes dos países do Leste, de onde afluem para os países centrais do continente, em um primeiro momento como estrangeiros e, depois, com a ampliação da comunidade europeia², como cidadãos comunitários; e pela chegada de imigrantes de praticamente todas as partes do mundo, inclusive da América Latina e do Brasil.

A Tabela 1 mostra os países da Europa dos 15³ e o estoque de imigrantes por país. Para os cinco países mais populosos da Europa dos 15, em três deles os imigrantes representavam, em 2005, mais de 10% da população total – Alemanha (12,3%), Espanha (11,1%) e França (10,7%) - seguidos pelo Reino Unido (9,1%) e Itália (4,3%). Em outros menos populosos a participação da população estrangeira também é importante, chegando a representar aproximadamente 38% da população total no caso de Luxemburgo.

² A Comunidade Econômica Europeia tem como países fundadores Alemanha, Bélgica, França, Itália, Luxemburgo e Países Baixos. Em 1973 foram agregados ao bloco Dinamarca, Irlanda e Reino Unido. Em 1981 a Grécia passa a fazer parte da comunidade, seguida, em 1986, por Portugal e Espanha. Áustria, Finlândia e Suécia irão se incorporar ao grupo em 1995 e, em 2004, será a vez de República Checa, Chipre, Eslovênia, Eslováquia, Estônia, Hungria, Letônia, Lituânia, Malta e Polônia. Os últimos a ingressar, em 2007, no bloco foram Bulgária e Romênia.

Os valores para a Europa dos 15 são, em média, próximos ao encontrado para os Estados Unidos da América, onde os 38,3 milhões de imigrantes internacionais estrangeiros representam 12,9% da população total.

Tabela 1. População Total e Estoque de Imigrantes Internacionais na Europa dos 15 - 2005

País	População Total (milhar)	Total Imigrantes (milhar)	de % imigrante na população	País	População Total (milhar)	Total Imigrantes (milhar)	de % <i>imigrantes na população</i>
Alemanha	82.689	10.144	12,3	Reino Unido	59.668	5.408	9,1
Bélgica	10.416	719	6,9	Grécia	11.120	974	8,8
França	60.496	6.471	10,7	Portugal	10.495	764	7,3
Itália	58.093	2.519	4,3	Espanha	43.064	4.790	11,1
Luxemburgo	465	174	37,4	Áustria	8.189	1.234	15,1
Países Baixos	16.299	1.638	10,1	Finlândia	5.249	156	3,0
Dinamarca	5.431	389	7,2	Suécia	9.041	1.117	12,4
Irlanda	4.148	585	14,1	Total	384.866	36.082	9,4

Fonte. International Migration – 2006 ECOSOC – Population Division – UN. NY

A composição deste estoque de imigrantes é diversa para cada país e segue contornos econômicos, que podem envolver até programas de incentivo a imigração⁴, sociais, culturais e históricos, que determinam a maior ou menor participação de uma região de origem no total dos imigrantes. Outro fator importante é o momento da entrada do país de destino no processo de recebimento de estrangeiros. No grupo de países da tabela 1, os do

³ Europa dos 15 engloba os 15 países que aderiram à União Europeia até 1995.

⁴ Durante vários anos, de 1956 a 1973 a Alemanha manteve programa de trabalhadores convidados com maciça participação de imigrantes de vários países como Turquia, Marrocos, Grécia, (Castles e Miller-2003)

mediterrâneo – Itália, Portugal, Espanha, Grécia – passam a compor o grupo de países de destino da migração, em geral, nos últimos 15 anos do século passado.

Apesar das dificuldades para o levantamento de informação sobre o país de nascimento dos imigrantes, Peixoto (2005), utilizando dados censitários e de outras fontes para 2001, mostra que em quatro países da Europa dos 15 a proporção de imigrantes originários da América Latina era maior do que 5% do total de imigrantes neles residentes – Espanha (34,3%), Holanda (13,7%), Portugal (11,5%) e Suécia (5,6%). Mesmo neste grupo restrito a composição por país de origem é diversificada, assim como o momento da chegada. No caso da Espanha, a migração é mais recente e com maiores participações de equatorianos, colombianos e peruanos. No caso de Portugal, a maior parte dos imigrantes da América Latina são do Brasil. Na Suécia, a migração teve início nos anos de 1970 e os imigrantes latino-americanos, em sua maioria, chegavam naquele país fugindo das incertezas políticas das décadas de 1970 e 1980.

Ao lado da ampliação do volume de imigrantes, novos desafios foram sendo colocados para as autoridades dos países da Europa. Como fazer a integração destes imigrantes na nova sociedade, como impedir e mesmo controlar o fluxo daqueles em situação irregular ou mesmo ilegal e como articular as soluções a estes e outros problemas ligados à migração, dentro de um espaço europeu em expansão?

No campo demográfico e econômico, segundo assinala relatório da Comissão Europeia (COM-2005), a situação é de necessidade de imigrantes para atender à demanda crescente por trabalhadores especializados e não especializados. As projeções da Comissão dão conta de que até 2025 o crescimento populacional na Europa acontecerá devido ao fluxo de imigrantes, pois se estima que já em 2010 os óbitos irão ultrapassar os nascimentos. Após este período a população passará a experimentar taxas de crescimento natural negativas, com fortes repercussões sobre o volume da população em idade ativa que, já em 2011, estará declinante. Este sub-grupo, que em 2004 representava 67,2% da população total, em 2050 estará reduzida a 56,7%. Isto

significa uma redução da ordem de 52 milhões de pessoas nesta faixa etária (COM-2005).

Estas alterações não serão sentidas por todos os países da Comunidade com a mesma intensidade e ao mesmo tempo. No entanto a redução da população em idade ativa já ocorria em 2005 na Alemanha, Hungria e Itália, mas, espera-se que só venha acontecer na Irlanda em 2035.

A imigração não é a solução permanente para este desafio demográfico, mas no curto prazo é a única saída disponível para este dilema que coloca em questão o próprio crescimento econômico do bloco europeu.

Um dos pilares da Comunidade Européia é o livre trânsito de bens e pessoas. Se no primeiro caso os avanços políticos permitiram chegar a sua plena realização, no segundo o entendimento tardou a chegar e, mesmo assim, há algumas questões que não terão solução tão cedo. Com a criação do “espaço Schengen⁵” houve significativos avanços na circulação interna de pessoas, o que também contribuiu para tornar a Europa mais atrativa aos imigrantes. Além da possibilidade, pelo menos em teoria, de se circular entre os diversos estados, qualquer decisão sobre a implantação da exigência de visto para nacionais de um país extracomunitário deve ser acompanhada por todos os membros da Comunidade. Isto permite que os interesses dos países membros sejam avaliados antes de uma tomada de decisão.

Outro ponto a considerar é que, apesar da adesão ao “Espaço”, a legislação interna do país em relação aos imigrantes foi conservada, tais como a obtenção da nacionalidade e concessão de permissão de residência, entre outras.

Outros pontos que merecem destaque são a criação da Agência Européia para o Controle de Fronteira (FRONTEX), cuja competência abrange todo o território da Comunidade, e a proposta, em futuro próximo, de contar com uma

⁵ O “Espaço Schengen” é como ficou conhecido o tratado assinado por França, Alemanha, Bélgica, Luxemburgo e Holanda, em 1985, que previa a eliminação dos controles de fronteiras entre estes países e a livre circulação de pessoas. Desta forma, a fronteira externa passou a ser o contorno do conjunto destes países. Com o passar do tempo este tratado foi modificado e hoje é parte integrante dos acordos da Comunidade Européia, salvo para a Inglaterra e Irlanda que mantêm a responsabilidade pelo controle das suas fronteiras, mas participam do sistema de informação do Espaço. O mesmo vai ocorrer com a Suíça, a partir de 2008.

força policial – Equipe de Intervenção Rápida de Fronteira (RABID) – que teria poder efetivo sobre todo o território da comunidade.

Em resumo, as medidas em curso visam não só garantir a livre circulação dentro do espaço comunitário, mas também reforçar a sua fronteira com medidas que objetivam desestimular a migração irregular e o tráfico de pessoas, ampliando o controle sobre a vida do imigrante. Em outras palavras, esta em processo a construção da intransponível “fortaleza” europeia.

Brasileiros na Europa

Poucos são os países que permitem se ter uma idéia do volume e perfil dos imigrantes brasileiros neles residentes. Em termos do volume, considerando a situação irregular da maioria dos brasileiros residentes no exterior, é praticamente impossível definir uma correta estimativa deste número. Nos censos nacionais, além da periodicidade destes levantamentos não permitir conhecer as alterações de curto prazo, há o fato de que nem sempre um imigrante irregular está disposto a colaborar. No aspecto administrativo, a fonte mais usada são os registros de permissão de moradia e trabalho, que cobrem somente o imigrante em situação regular. Na Espanha é possível conseguir alguns dados com razoável confiabilidade, por meio do “Empadronamento Municipal”⁶, mesmo assim a grande mobilidade dos imigrantes não permite se ter um quadro fiel da realidade. As estimativas fornecidas pelos serviços consulares pecam pela reduzida cobertura e confiabilidade dos dados, freqüentemente comprometida pela falta de acompanhamento dos deslocamentos do imigrante, que muitas vezes retornam ao país de origem sem solicitar baixa no seu registro.

Em relação ao perfil, como cada fonte capta um aspecto específico e em levantamentos diferenciados, o seu conhecimento fica restrito, por conta de problemas de custo e logística, a pesquisas em certos sub-grupos populacionais ou a regiões e cidades,.

Por estas razões, optou-se neste trabalho, por analisar alguns aspectos da migração de brasileiros para a Europa, tendo por base estudos realizados após o ano de 2005 e em países que contam com uma maior tradição de receber brasileiros.

Brasileiros em Portugal

O número dos imigrantes brasileiros em Portugal é sempre um ponto polêmico. Os dados oficiais relativos às autorizações de residência, mostrados na Tabela 2, indicam que em 2006 havia no país 65.463 imigrantes brasileiros com permissão de residência, o que representava 16% dos estrangeiros residentes no país e, praticamente, 91% dos latinos americanos. Neste grupo, como seria de se esperar, não estão incluídos os imigrantes irregulares. A ampliação do número de permissões de residência, em 2,5 vezes entre 2003 e 2006, estaria mais relacionada aos casos de regularizações extraordinárias⁷ do que a ampliação do fluxo, mas indica que, dadas as exigências para acessar à regularização, havia um grande estoque de brasileiros em situação irregular.

Excluído: ¶
¶
¶

Tabela – 2 Estrangeiros com permissão de residência segundo região de naturalidade – 2003 e 2006 - Portugal

Região/País de Origem	2003		2006	
	Valor	%	Valor	%
Total	250.697	100	409.185	100
Europa	77.053	30,7	153.307	37,5
América Latina	32,474	12,9	72.230	17,7
Brasil	26.561	10,6	65.463	16,0

Fonte: Relatório do Serviço de Estrangeiro e Fronteiras - SEF 2003 e 2006

⁶ O Empadronamento é o registro de residência que todo cidadão deve fazer junto a prefeitura da sua cidade, independente do seu status migratório. Tal registro permite ao imigrante e seus dependentes o acesso ao sistema de saúde e ao sistema educacional

Formatado: Justificado

⁷ Marco importante destes processos foi Decreto Regulamentar nº 6/2004, também conhecido como acordo Lula, que permitiu a regularização da situação de milhares de brasileiros em Portugal

Formatado: Fonte: (Padrão) Tahoma

Em relação á razão de sexo, segundo o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras -SEF (2006), o coletivo de imigrantes brasileiros é o único no qual o número de mulheres supera o de homens, pois elas representam 52,0% dos brasileiros com permissão de residência em Portugal.

As características dos imigrantes brasileiros são bem distintas, e vários autores (Padilha, 2006, Peixoto e Figueiredo, 2006; Peixoto, 2005; Casa do Brasil em Lisboa, 2004) defendem que esta migração se deu em duas etapas distintas. A primeira ocorreu dos anos de 1980 até meados dos anos 1990, tendo como componente majoritário os imigrantes egressos da classe média alta, com elevada formação profissional e que ocuparam postos de trabalho em áreas que demandam conhecimento técnico. Neste grupo podem ser destacados, entre outros, médicos, dentistas, publicitários e analistas de sistemas, estes últimos atraídos por postos de trabalho criados quando da entrada de Portugal na Comunidade Européia.

A segunda onda de imigrantes é formada por pessoas da classe média baixa (Peixoto, 2006) que vai buscar trabalho na economia informal, serviço doméstico, comércio e restaurantes. Importante notar que este segmento "secundário" sempre foi ocupado por imigrantes brasileiros, sendo que a diferença entre as duas fases está na predominância de um segmento sobre o outro. Um fato que merece nota é que a qualificação do imigrante brasileiro é, em média, superior a dos portugueses. Segundo dados do censo de 2001, 51% dos imigrantes brasileiros teria o 2º grau completo, enquanto na população portuguesa só 15% da população teria atingido este nível (Peixoto, 2006).

Em relação ao futuro, deve-se considerar vários aspectos que contribuem para desestimular a continuação deste fluxo de imigrantes, dentre eles vale destacar a ampliação da comunidade européia que impacta no aumento da oferta de mão de obra em situação regular, as diferenças salariais em relação a países vizinhos, no caso a Espanha e, não menos importante, a ampliação às restrições a entrada de brasileiros na Europa⁸. Todos estes fatores, ao lado da

⁸ Só em Portugal em 2006 1.749 brasileiros tiveram recusada a entrada no território português, isto representou 48,6% do total de recusas aplicada pelas autoridades naquele ano. Entre os

melhoria das condições econômicas do Brasil, certamente irão contribuir para a revisão de expectativas quanto ao retorno.

Brasileiros na Espanha

Dados do Ministério de Relações Exteriores do Brasil - MRE indicam que o número de brasileiros residentes atualmente na Espanha é da ordem de 110.000 pessoas, aproximadamente 20% acima do número indicado pelos registros do “Empadronamento Municipal” para 2007 (92.292). No entanto, considerando que parte dos brasileiros não faz este registro nas prefeituras⁹, o valor indicado pelo Governo brasileiro não estaria muito fora da realidade atual.

Apesar do volume, o coletivo de brasileiros não é o de maior representatividade dentre os grupos de estrangeiros que vivem na Espanha. Marroquinos, romenos e latino-americanos, principalmente equatorianos, peruanos, colombianos e bolivianos são mais representativos no conjunto de 4,5 milhões de imigrantes em terras espanholas. No entanto, os brasileiros formam um dos coletivos que maior crescimento teve nos últimos anos – entre 2005 e 2006 o crescimento foi da ordem de 34,2% e entre 2006 e 2007 de 25,2%. Neste crescimento, importante papel tiveram as mulheres que representavam, em 2007, 60,2% dos brasileiros residentes na Espanha.

Este volume, ainda reduzido em comparação a outros coletivos, contribui para que o grupo de brasileiros tenha certa “invisibilidade” (Cavalcanti, 2005) frente a outros imigrantes. Mesmo que, em passado recente esta situação, aparentemente, tenha se revertido¹⁰, em geral os brasileiros conseguem manter a “invisibilidade”.

Em relação ao seu perfil, observa-se que os brasileiros na Espanha têm um maior nível de instrução do que os residentes em Portugal (Téchio, 2006). A

estrangeiros investigados em perquirições policiais, 16,4% eram brasileiros e destes 2508 estavam em situação irregular o que representam 31,7% do total de irregulares questionados pela polícia portuguesa (SEF-2006).

⁹ Estima-se que, aproximadamente, 13% dos brasileiros residentes em Madri não são empadronados (Fernandes e Nunan-2008)

¹⁰ Nos meses de março, abril e maio de 2008 houve um aumento repentino no número de brasileiros impedidos de entrar na Espanha. Tal fato gerou certo mal estar diplomático entre os governos do Brasil e Espanha BBC-2008).

Figura 1, elaborada com dados de pesquisa sobre o perfil do imigrante brasileiro residente em Madri (Fernandes e Nunan, 2008), indica que 73% dos entrevistados tinha, no mínimo, o 2º grau completo, enquanto 12,8% já havia completado o curso superior.

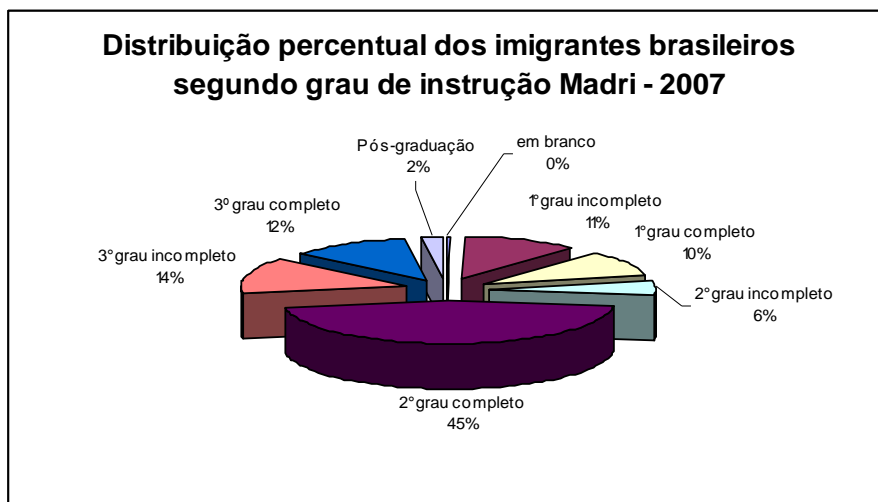


Figura 1 – Distribuição percentual dos imigrantes brasileiros segundo grau de instrução, Madri - 2007

Quanto à inserção dos imigrantes brasileiros no mercado de trabalho da Espanha, Ripoll (2006), utilizando dados do Ministério do Trabalho, indica que 86% dos imigrantes brasileiros com contratos registrados, isto é em situação regular no país, trabalhavam como empregados, enquanto o restante trabalhava por conta própria. O setor de serviços absorvia 80% da mão de obra empregada, seguido do setor da construção civil, com 13% e a da indústria, com 5%.

Em termos da distribuição por setor de ocupação, estes percentuais estão próximos aos encontrados em pesquisa com os brasileiros residentes em Madri em 2007 – 71,5% estavam empregados no setor de serviços e 16,6% na construção civil. Nesta pesquisa foram também incluídos na amostra os imigrantes em situação irregular de residência (Fernandes e Nunan, 2008). Este último grupo representava 60,9% dos entrevistados. Quanto à ocupação por sexo, no setor serviços se encontrava o maior número de mulheres (83,1% das

entrevistas), a maioria como diarista/interna e cuidadora. Em relação aos homens, a maioria deles (49,1%) estava empregada no setor da construção civil e 33% no setor de serviços.

A remuneração média recebida no trabalho variava segundo o sexo, sendo de, aproximadamente, € 1.300,00 para os homens e € 1.000,00 para as mulheres. Deste valor, 40%, em média, era enviado ao Brasil, para, em primeiro lugar, permitir a compra de um imóvel e, como segunda opção, auxiliar familiares que ficaram (Fernandes e Nunan, 2008).

A realização dos planos que justificaram a migração muda com o tempo de permanência. A construção da casa, na maioria dos casos, o primeiro objetivo, vai se transformando em sonhos mais arrojados que podem incluir até a abertura de um pequeno negócio no Brasil. A ousadia máxima, para aqueles que conseguem a autorização de residência, é a aquisição de um imóvel na Espanha e em futuro remoto, talvez obter a nacionalidade espanhola. Neste momento, o retorno deixa de ser a primeira preocupação e o Brasil é visto como o local para passar férias e em um futuro distante, quando da aposentadoria, um local para se viver.

Neste processo, histórias de sucessos, reais ou não, estimulam a imaginação levando pessoas que nunca tiveram uma experiência migratória a enveredar nesta aventura e a passar por situações só aceitas por conta de se acreditar que são temporárias e que o mais importante, atingir o sonho, vale qualquer sacrifício.

Brasileiros na Itália

Como assinalado por Bogús e Bassanez (1996), a migração de brasileiros para a Itália apresenta contornos diversos daqueles observados nos outros destinos europeus. A história da Itália, assim como as relações que o país manteve no passado com o Brasil, são fatores que contribuem para esta diferença.

As facilidades¹¹ oferecidas pela legislação italiana para a obtenção da segunda nacionalidade por descendentes de imigrantes que chegaram ao Brasil em épocas passadas, são também fatores que devem ser levados em consideração. Em nenhum outro país europeu estas oportunidades se reproduzem, mesmo em Portugal. Segundo a Embaixada da Itália no Brasil, já foram concedidos mais de 215 mil títulos de nacionalidade italiana a brasileiros e outros 500 mil pedidos aguardam análise do governo italiano (BBC, 2008).

O volume de brasileiros na Itália é impreciso. Segundo registros do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE) este número chegaria, na atualidade, a 75.000 pessoas. Os registros do Instituto Nazionale di Statistica (ISTAT) informam que, em 1º de janeiro de 2007, residiam na Itália com "*permessi de soggiorno*" 32.416 brasileiros. Destes 71,5% eram do sexo feminino. Apesar destes registros não levarem em conta os residentes irregulares e não terem um controle sobre as ausências, pode-se considerar que este número seria o patamar mínimo, enquanto que os dados do MRE poderiam indicar o parâmetro máximo.

Nos últimos anos, entre 2002 e 2007, o número de brasileiros na Itália cresceu a uma taxa média anual de 10,2%, sendo que os homens ampliaram a sua participação no total passando de 26,5%, em 2002, para 28,5%, em 2007. É interessante observar que nos dados levantados por Bogús e Bassanez (1996) a proporção de homens no total de brasileiros residentes era praticamente a mesma em 1º janeiro de 1996 (30%).

Em relação ao conjunto de estrangeiros com "*permessi de soggiorno*" os brasileiros estão em 21º lugar, só suplantados em termos de países da América Latina pelo Peru (11º) e Equador (13º).

As razões alegadas pelos brasileiros para conseguir o "*permessi de soggiorno*" são na maior parte de família (57,5%), trabalho (23,4%), religião (4,8%), estudos (3,4%) e os outros motivos – asilo, turismo, razões humanitárias e outros - correspondem a 10,9% do total.

¹¹ A Itália é o único país da Europa que permite a obtenção de nacionalidade por bisnetos de imigrantes e, em alguns casos, até mesmo por situações que remontam mais além desta ascendência familiar.

Apesar da Itália ter entrado no cenário de países de destino após outras nações européias, a sua proximidade com países da Europa do Leste fez com que o mercado de oportunidades para os brasileiros fosse mais restrito. Por outro lado, a maior facilidade em se conseguir o passaporte europeu para descendentes de imigrantes deste país, tem atraído muitos brasileiros. A Embaixada da Itália estima que 10% daqueles que conseguem a nacionalidade italiana fixam residência no país. Isto significa que mais de 30.000 brasileiros já devem lá residir como cidadãos italianos.

Brasileiros no Reino Unido

Em termos de dificuldades nas cifras de brasileiros residindo no exterior, o caso do Reino Unido não é diferente dos demais, até porque, neste caso, eles formam um novo grupo de imigrantes. Segundo Cwerner (2001), enquanto o Censo Britânico de 2001 enumerava apenas 8 mil brasileiros morando em Londres, estimativas não-oficiais variavam de 15 mil a 50 mil pessoas. Ainda, de acordo com um relatório do Departamento de Geografia da Universidade de Londres (Evans *et al*, 2007), estimativas de organizações brasileiras sediadas no Reino Unido chegam a 200 mil brasileiros, sendo que a maioria estima entre 130 mil e 160 mil o número daqueles residentes em Londres. Apesar das divergências, parece não haver muita dúvida de que as estatísticas oficiais estão bastante subestimadas. Cwerner (2001), inclusive, argumenta que não seria sem propósito dizer que a maior comunidade de brasileiros na Europa está em Londres.

Vários fatores podem ser apontados como empecilhos para estimativas mais fidedignas, tais como a ausência de meios efetivos, por parte das autoridades de imigração britânicas, para monitorar pessoas uma vez que elas chegam ao país, bem como registrar sua saída, exceto em casos de deportação; a estadia de muitos brasileiros é limitada pela data do visto, mas vários excedam o tempo permitido; muitos brasileiros se vêem na condição de temporários, ou não desejam ser conhecidos pelas autoridades, não retornando

o questionário do Censo (Evans et al, 2007). De qualquer forma, não há dúvidas sobre a vívida presença de brasileiros em Londres (Cwerner, 2001).

Em contraste com os tradicionais fatores de expulsão, tidos como dominantes em vários trabalhos que enfocam a emigração para os EUA – como os efeitos adversos de uma economia dominada pela inflação, entre os anos 80 e meados dos anos 90, bem como caracterizada pela instabilidade e falta de empregos – Cwerner (2001) chama a atenção para um número significativo de brasileiros que apontam razões não econômicas, como o “desejo de conhecer o mundo”. O trabalho de Evans *et al* (2006) também cita as considerações de Jordan e Duvel (2002), que ressaltam os ganhos econômicos como motivação, mas também o acesso aos benefícios públicos e o desejo de adquirir conhecimento e experiência.

Evans *et al* (2006) citam resultados de um dos poucos levantamentos que trata do perfil dos brasileiros em Londres. Este foi realizado entre setembro e outubro de 2006 por uma equipe de ativistas envolvidos na campanha *Strangers into Citizens*, da Capelania Brasileira do Leste de Londres. Foram concluídos 423 questionários em igrejas (católicas e pentecostais) no leste e área central de Londres. Evans *et al* (2007) salientam que apesar desta pesquisa não poder ser considerada como representativa de toda a comunidade brasileira em Londres, pode-se dizer que ela reflete a situação de muitos brasileiros morando lá, especialmente daqueles em situação irregular, uma vez que a metade deles era irregular.

Nesta pesquisa, muitas características dos imigrantes brasileiros foram levantadas, como estas a seguir:

- a maioria era composta de recém-chegados e estavam entre um e cinco anos no Reino Unido;
- os homens formavam uma ligeira maioria, 51,5% da amostra;
- são pessoas jovens, com média de idade de 33,5 anos, sendo as mulheres ligeiramente mais jovens, com média etária de 32,7 anos contra 34,4 anos dos homens;

- a grande maioria (82%) não tinha filhos, 41% viviam em domicílios não familiares, e praticamente a mesma proporção, 42%, em domicílios familiares, enquanto 36% dividiam um quarto;
- são bem-educados, principalmente quando comparados com a média de escolaridade dos residentes no Brasil – 54% tinham completado o segundo grau e 36% continuaram seus estudos posteriormente, ainda que a metade destes não tenha completado o curso
- as mulheres responderam que vieram, preferencialmente, para trabalhar e estudar ou simplesmente estudar, enquanto os homens enumeraram, principalmente, razões de cunho econômico, como trabalhar e poupar dinheiro;
- freqüentemente aceitam trabalhos (principalmente em restaurantes e serviços domésticos) muito aquém daqueles que costumavam realizar no Brasil, isto é, eram sobre-qualificados para suas funções;
- 63% trabalhavam mais de 35 horas semanais, sendo que 48% trabalhavam mais de 48 horas semanais; e homens trabalhavam mais que mulheres.

Apesar de grande parte dos brasileiros em Londres se considerarem temporários naquele país, muitos deles acabam ficando mais tempo do que o previsto, especialmente os que declaram ter migrado para o Reino Unido para seu desenvolvimento pessoal ou para adquirir experiência. Como a pesquisa da campanha *Strangers into Citizens* indica, em termos de tendência as expectativas sobre a duração de permanência apontam para o longo prazo.

Comentários Finais

Avaliar a presença dos imigrantes brasileiros na Europa ou mesmo em outros países, não é uma tarefa simples a começar pelas estimativas do volume e estrutura deste coletivo. As informações, na maioria dos casos, permitem somente uma indicação imprecisa do número de brasileiros no estrangeiro e muito pouco se conhece sobre o seu perfil.

De fato, a diversidade e, por vezes, as divergências quanto ao volume de brasileiros no exterior são, muitas vezes, bastante significativas. Uma coleta de

dados nos censos demográficos dos países de destino e a comparação com estatísticas oficiais revela imensas discrepâncias, dependendo do caso

A nova realidade internacional, que insere o Brasil no caminho dos fluxos migratórios internacionais, pede a criação de mecanismos que possam dar resposta a este desafio. A presença de brasileiros em outros países da Europa possivelmente reproduz, em alguns casos, o perfil que se observa em outros países. Um exemplo seriam as motivações econômicas apontadas por parte dos brasileiros na Europa, coincidentes, em certa medida, com aquelas reportadas por imigrantes nos EUA. Isso, no entanto, não significa que outras razões joguem importante papel, como o “desejo de conhecer o mundo”, ou adquirir experiência antes de um posterior retorno. Cabe lembrar, ainda, que laços históricos e culturais não podem ser considerados, caso da emigração do Brasil para Portugal ou Itália. Certamente, os laços familiares na Europa facilitaram os movimentos, através de suportes sociais que estavam disponíveis ou de elos ancestrais como meio para obter acesso ou cidadania europeia. Mas este é um campo de pesquisa que ainda precisa avançar.

Enfim, dada a grande diversidade de aspectos teóricos enfocando as causas e conseqüências das migrações internacionais, a extrema dificuldade em se tratar metodologicamente as estimativas e o perfil de brasileiros no exterior – muitos dos quais em situação irregular –, as diferentes motivações apontadas pelos brasileiros residindo em outros países naquelas poucas pesquisas disponíveis, algumas medidas poderiam facilitar a compreensão deste complexo fenômeno.

Alguns dos textos citados neste trabalho fazem menção à necessidade de mais pesquisas que tratem da imigração internacional e o caso da Europa é ainda mais urgente, especialmente no contexto desta segunda onda das emigrações brasileiras para aquele continente (Peixoto, 2006). Além disso, uma maior cooperação entre instituições dos países receptores e do Brasil certamente seria um caminho promissor para ajudar a desvendar muitos aspectos ainda obscuros da realidade dos brasileiros na Europa, uma tarefa que seria potencializada se coordenada pelo Itamarati. Nesse sentido, um início relativamente pouco dispendioso poderia ser a elaboração de um “banco” de

pesquisas ou mesmo disseminação de informações e *links* em um portal para acesso público. Posteriormente, e em consonância com uma tendência bastante atual,

uma rede de centros para pesquisas poderia ser criada, para troca de informações e indução de temas a serem investigados.

Excluído: ¶
¶

VI) Bibliografia

AMARAL, Rubem G. Perfil da comunidade brasileira no exterior. Brasília. 2005. mimeo.

ARANGO, Joaquín. La explicación teórica de las migraciones: luz y sombra . Migración y Desarrollo, nº 012, octubre. 2003. Madrid

ASSIS, Gláucia de Oliveira – Estar aqui, estar lá.. o retorno dos emigrantes valadarenses ou a construção de uma identidade transnacional? - Travessia: revista do imigrante, Centro de Estudos Migratórios-CEM, São Paulo maio-agosto/ 1995

BAENINGER, ROSANA e FUSCO, Wilson – Informações sobre migrações. internacionais. In International Migration – Fact Sheet-Brazil-CNPd – Trabalho apresentado na Regional Hearing for Américas- Global Commission on International Migration-GCIM – México City. 16 a 17 de maio de 2005.

BBC-Brasil -
<http://noticias.uol.com.br/bbc/reporter/2008/03/25/ult4909u3009.jhtm> acesso 16/06/2008.

BERCOVICH, Alicia – Integrando conceitos, classificações e conhecimento: a experiência do Censo 2000 no MERCOSUL – IBGE – Rio de Janeiro -1998. (acessado em 20/10/07 <http://www.ibge.gov.br/censo/mercosur.shtm>)

BOGUS, Lucia Maria M. – Migrantes brasileiros na Europa Ocidental: uma abordagem preliminar. In Patarra, Neide L. Emigração e imigração internacional no Brasil contemporâneo. São Paulo, FNUAP-1995.

BOGUS, Lucia M e Bassanez, Maria S. DO Brasil para a Europa- imigrantes brasileiros na península itálica neste final de século Anais do X Encontro de Estudos Populacionais Caxambu,1996, v.2, p.893-916

BRUNO, Sebastián F. Cifras imaginárias de la inmigración limítrofe en la Argentina. VII Jornada de Sociología. Buenos Aires. Novembro 2007.

CABRAL, Maria Cláudia C. Anteprojeto da “nova lei de estrangeiros” in Neto, Eduardo R. (org.). A População nas políticas públicas: gênero, geração e raça. CNPD; UNFPA – Brasília – 2006.

CARVALHO, José Alberto M O saldo dos fluxos migratórios internacionais do Brasil na década de 80 – uma tentativa de estimação. Revista Brasileira de Estudos de População, Campinas. ABEP. Vol. 13 nº. 1 pp. 3-14, jan./jun.1996

CARVALHO, José Alberto M. MAGALHÃES, Marisa, V, GARCIA, Ricardo A . estimativa dos saldos migratórios internacionais e do número de emigrantes internacionais das grandes regiões do Brasil: 1986/1991 e 1991/1996. In Migrações Internacionais: contribuições para políticas Pp. 243-252. Brasília, CNPD – 2001

CARVALHO, José Alberto M Migrações Internacionais do Brasil nas duas últimas décadas do século XX: algumas facetas de um processo complexo, amplamente desconhecido. Seminário de Migração Internacional – Ministério da Previdência Social. Brasília, julho 2004.

CASA DO BRASIL EM LISBOA A 2ª “vaga” de imigração brasileira para Portugal (1998-2003): estudo de opinião a imigrantes residentes nos distritos de Lisboa e Setúbal. Casa do Brasil -2004

CASTLES, Stephen e MILLER, Mark J. The age of migration: international population movements in the modern world. Palgrave MacMilliam, New York. 2003.

CASTRO, Mary Garcia (org) Migrações Internacionais: contribuições para políticas, Brasil 2000. Brasília . CNPD. 2001

CAVALCANTI, Leonardo. A Imigração brasileira no espaço urbano de Barcelona in In Serviço Pastoral dos Migrantes(org) Travessia na Desordem Global: Fórum Social das Migrações; Editora Paulinas- São Paulo – 2005.

Commision of the European Communities (COM) – Policy plan on legal migration. Brussels – 2005

CELADE, Relatoria del seminário técnico sobre lecciones aprendidas de los censos de población de la ronda 2000 em América Latina – Santiago de Chile – 2003.

CELADE, Migración internacional de latinoamericanos y caribeños en iberoamérica: características, retos y oportunidades – Encuentro Iberoamericano sobre Migración y desarrollo – Madrid - 2006.

CWERNER, S. The times of migration, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 27(1): 7-36- 2002.

DOMINGOS, Andreus e RECAÑO, Joaquin . Factores sociodemograficos y territoriales de la inmigración irregular en España . XXV IUSSP General Conference. Tours, 2005

EVANS, Y., WILLS, J., DATTA, K., HERBERT, J., McIIWAINE, J. M., ARAÚJO, J. O., FRANÇA, A. C., FRANÇA, A. P. Brazilians in London: a report for the Strangers into Citizens Campaign, University of London, 2007.

FERNANDES, Duval Homecoming: assimilation of returning international migrants into the labour market. Brazil – 2000. XIV IUSSP International Conference, Tours – 2005

FERNANDES, Duval e NUNAN, Carolina. O imigrante brasileiro na Espanha: perfil e situação de vida em Madri – Trabalho submetido para seleção ao XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais – ABEP . Caxambu - 2008

GCIM-Global Commission on International Migration – Migration in na interconnected world: new directions for action. UN. New York – 2005.

GOZA, Franklin. A imigração brasileira na América do Norte . *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. 9(1) jan/jul – 1992

GOZA, Franklin. Um panorama geral da vida dos brasileiros nos EUA no ano 2000. *Anais do XIX – Encontro Nacional de Estudos Populacionais – ABEP*. Caxambu, 2004.

HERNANDO, Asunción M.; MARTÍNEZ, Elda, G. *Las migraciones internacionales. Crónicas del Siglo XX* Dastin Ediciones, Madrid. 2006.

JORDAN, B. DUVELL, F. *Irregular migration: the dilemmas of transnational mobility*. Cheltenham: Edward Elgar- 2002.

KAWAMURA, Lili – A questão cultural e a discriminação social na migração de brasileiros ao Japão. In *Migrações Internacionais: contribuições para políticas*. Comissão Nacional de População e Desenvolvimento-CNPd. Brasília-2001 p395-408

KLINTHÄLL, Marin – Immigration, intregation and return migration. *International Symposium on International Migration and Development – Population Division, UN*. Turin – 2006

LEVY, M.S.F. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972). *Revista Saúde Pública*. São Paulo, 8 (supl): 49-90, 1974.

MARQUES, Denise F. e MÁXIMO, Geovane da C. Diferenças salariais entre brasileiros e paraguaios retornados do Paraguai e dos Estados Unidos: uma aplicação de micro-simulação contrafactuais. Anais do XX – Encontro Nacional de Estudos Populacionais – ABEP Caxambu- 2006.

MARMORÁ, Lélío – Les politiques de migrations internationales L' Hartmattan, Paris – 2002

MARTES, Ana Cristina Braga – Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts – Editora Paz e terra. São Paulo – 1999.

MARTES, Ana Cristina Braga – Longe dos olhos, perto da previdência – criação de vínculos como foco de políticas social previdenciária para emigrantes. Trabalho apresentado no Seminário de Migração Internacional – Ministério da Previdência Social Brasília, julho -2004.

MATEOS, Natalia Ribas – Uma invitación a la sociología de las migraciones. Ediciones Bellaterra. Barcelona – 2004.

McGOVERN, P. Immigration, labour markets and employment relations: problems and prospects. British Journal of industrial relations, 48:2, 2007, pp. 217-235.

MINNESOTA Population Center. Integrated Public Use Microdata Series International: Version 3.0. Minneapolis: University of Minnesota, 2007.

NOATO, Higuchi – The Migration process of nikkei brazilian in Yamada Mutsuo (org.). Emigración Latinoamericana: comparación interrregional entre América del Norte, Europa y Japón. The Japan Center for Area Studies. Osaka, Japan - 2003

NOATAO, Higuchi – La Migración brasileña en Japon – Atas de La Reunión de Expertos Migración Internacional y Desarrollo em América Latina y el Caribe. Ciudad de México – CEPAL - noviembre de 2005

NUNAN, Carolina – De vota para casa: a re-inserção do migrante internacional retornado no mercado formal de trabalho. Dissertação de Mestrado, Programa de Geografia – Tratamento da Informação Espacial – PUC Minas. Agosto de 2006

PADILHA, Beatriz – Integração dos “imigrantes brasileiros recém-chegados” na sociedade portuguesa: problemas e possibilidades in José Machado (ORG) Um Mar de Identidades: a migração brasileira em Portugal. EdUFSCar, São Carlos. 2006

PATARRA, Neide(org.) Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo São Paulo – UNFPA-1995.

PATARRA, Neide (org.) Migrações internacionais: heranças XX, agenda XXI. Campinas – UNFPA, 1996.

PEIXOTO, João e Figueiredo, Alexandra. Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal in Josè Machado (ORG) Um Mar de Identidades: a migração brasileira em Portugal. EdUFSCar, São Carlos. 2006

PEIXOTO, João – A Sócio-political view of international migration from Latin America and Caribbean: the caso of Europe , Atas de La Reunión de Expertos Migración Internacional y Desarrollo em América Latina y el Caribe. Ciudad de México – CEPAL - noviembre de 2005.

PIORE, Michael J. Birds of passage: migrant labour in industrial societies – Cambridge University Press. Cambridge, 1979.

PIZARRO, Jorge Matinéz – La migración internacional em América Latina y el Caribe. Atas de La Reunión de Expertos Migración Internacional y Desarrollo em América Latina y el Caribe. Ciudad de México – CEPAL - noviembre de 2005

RAVESTEIN, Ernest G – The laws of migration. Journal of the Royal Statistical Society, 48: 167 – 227 y 52:241 - 301

REZENDE, Dimitri F. A – Reflexões sobre os sistemas de migração internacional proposta para uma análise estrutural dos mecanismos intermediários. [Tese de doutorad]. CEDEPLAR/UFMG – Belo Horizonte – 2005.

RIOS-NETO, Eduardo L.G. Pobreza, Migrações e Pandemias. Texto para discussão-301. CEDEPLAR/UFMG – Belo Horizonte, 2007.

RIPOLL, Érika M. Espanha na dinâmica das migrações internacionais: um breve panorama da situação dos imigrantes brasileiros na Espanha. XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais –ABEP. Caxambu – 2006

ROSSI, Pedro Linhares Remessas de Imigrantes brasileiros em Portugal. SOCIUS Working Papers – Universidade Técnica de Lisboa- Lisboa – 2004

ROSSINI, Rosa Ester. Lugar para viver é aqui, lugar para sobreviver é lá: migração internacional do Brasil para o Japão.. Trabalho apresentado no XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP. Caxambu, 23 a 27 de out. ,2004

SALES, Teresa - Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações para pesquisa. Revista Brasileira de Estudos Populacionais. 9(1), jan/jul,1992.

SALES, Teresa – O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais. In Patarra, Neide L. Emigração e imigração internacional no Brasil contemporâneo. São Paulo, FNUAP-1995.

SALES, Teresa – Brasileiros longe de casa Editora Cortez, São Paulo – 1999.

SALGANIK, Matthew. J. e HEKATHORN, Douglas D. Sampling and estimation in hidden populations using respondent-drive sampling. *Sociological Methodology* (34) 193-239, 2004.

SAYAD, Abdelmalek. O Retono, Travessia: revista do imigrante, número especial, Centro de Estudos Migratórios-CEM, São Paulo, 2000

SOARES, Weber – Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga. [Tese de doutorado] CEDEPLAR/UFMG – Belo Horizonte, 2002.

SOUCHAD, Sylvain Geografía de la migración brasileña en Paraguay. ADEPO/UNFPA Asunción - 2007

TÉCHIO, Kachia – Imigrantes brasileiros não documentados: uma análise comparativa entre Lisboa e Madri. *Socius Working Papers* n 1 Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2006.

VICENTE-Trinida – La migración latinoamericana en España - Atas de La Reunión de Expertos Migración Internacional y Desarrollo em América Latina y el Caribe. Ciudad de México. CEPAL, 2005.

ZLOTNIK, Hania – Théories sur les migrations internationales in Caselli, G, Vallin, J. Wunsch, G (org.) *Démographie : analyse et synthèse – Les determinants de la migration*. Editions. INED. Paris, 2003.